

## **Corpo social doente: medicina e identidade nacional na obra de Erico Verissimo**

MARÍLIA MEZZOMO RODRIGUES\*

Trabalhar com história e literatura é, de certa forma, traduzir textos de diferentes realidades para o contexto atual. É traduzir um texto na história, buscando compreender temas de diferentes épocas, o que os informava, assim como a forma que determinado autor dá a seu texto para construir uma narrativa. Pois as escolhas e soluções de autores para fabricar um texto denotam, elas também, valores, visões de mundo, limites e engajamentos. Um texto literário está sempre embebido das marcas de seu tempo, para além das referências diretas a determinados contextos históricos; mais ainda, denota a própria concepção de literatura de seu autor e de sua época.

Tentando não cair na armadilha da confirmação literária para momentos históricos, busquei entender como o texto literário também elaborou discussões fundamentais no país no início do século XX; de que forma fenômenos como ignorância, miséria e doenças se tornaram temas literários a questionar os rumos da modernização, os entraves ao desenvolvimento, os contrastes sociais, os sentidos da identidade nacional e o papel da ciência, mais precisamente da medicina, no desenvolvimento do Brasil. E temas que a literatura elaborou também alimentavam importantes debates políticos, afinal, *ficção* não significa oposição ao *real*.

Em *Literatura e Sociedade* (2006), Antonio Candido afirmou que “diferentemente do que sucede em outros países, a literatura tem sido aqui, mais do que a filosofia e as ciências humanas, o fenômeno central da vida do espírito” (p. 137). E, citando uma “inflação literária” brasileira, concluiu que “a literatura contribuiu com eficácia maior do que se supõe para formar uma consciência nacional e pesquisar a vida e os problemas brasileiros”, entendendo que “os decênios de 1920 e 1930 ficarão em nossa história intelectual como de harmoniosa convivência e troca de serviços entre literatura e estudos sociais” (p. 140).

Nesse sentido, realizei uma tese sobre a obra de Erico Verissimo das primeiras publicações na década de 1930 até aquelas do início da década de 1940: *Fantoches* (1932),

---

\* Doutora em História (UFSC), integrantes do Núcleo de Estudos História, Literatura e Sociedade (NEHLIS/UFSC), graduanda no curso de Letras – Francês (UFSC).

*Clarissa* (1933), *Caminhos cruzados* (1935), *Música ao longe* (1936), *Um lugar ao sol* (1936), *Olhai os lírios do campo* (1938), *Saga* (1940), *As mãos de meu filho* (1942), *O resto é silêncio* (1943); os infantis *Aventuras de Tibicuera* (1937) e *Aventuras no mundo da higiene* (1939) e o chamado “infanto-juvenil” *Viagem à aurora do mundo* (1939). Na década de 1930 e no início da década seguinte, Verissimo fora vigiado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) de Getúlio Vargas, por conta de seus livros e também de um programa de rádio destinado a crianças. Teve de comparecer algumas vezes no Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), por conta da polêmica de alguns de seus temas. A delimitação temporal que escolhi coincidiu com a última publicação do autor antes de sua ida com a família para os Estados Unidos, em 1943. Viajou a convite do Departamento de Estado Americano para lecionar literatura brasileira na Universidade da Califórnia. Na decisão de sair temporariamente do país, pesaram outros ataques à sua obra, dessa vez, a *O resto é silêncio*. Antonio Candido viu ali os traços iniciais de *O Tempo e o Vento*, obra emblemática do autor gaúcho. O próprio Verissimo declarou em entrevista que *O resto é silêncio* poderia funcionar como *trailer* de sua trilogia mais famosa.

É possível perceber no livro o interesse pela constituição da sociedade brasileira, por seus elementos históricos; uma vontade de entender a origem do que se apresentava naquele presente e, mais que isso, como determinadas estruturas sociais se desenvolveram no tempo. Um tema ao qual a história e a sociologia brasileiras do período dedicaram obras fundamentais, como *Casa Grande & Senzala* (1933), *Raízes do Brasil* (1936), *Formação do Brasil contemporâneo* (1942), entre outras. A primeira cena de *O resto é silêncio* descreve uma jovem suicida que se atira do Edifício Império, no centro de Porto Alegre; em queda livre, seu corpo rodopia no ar, cai em pé e depois se estatela contra as pedras do calçamento. Muitas pessoas testemunharam o fato, e o leitor passa a acompanhar a vida de sete dessas testemunhas, durante uma Sexta-Feira da Paixão e um Sábado de Aleluia: um menino vendedor de jornais, um desembargador, um escritor, um especulador, a esposa de um maestro, um linotipista aposentado e um advogado/diretor de uma companhia de seguros. Na descrição da vida desses personagens, que é a vida das pessoas em todo o país, ressaltam as arbitrariedades, a hipocrisia, o catolicismo nacional, a intransigência de uma militância estéril, o mandonismo como elemento fundamental na história brasileira, além de reflexões sobre o papel do escritor, do intelectual e do cidadão no mundo moderno, então na 2ª Guerra Mundial.

No mesmo livro, a presença da doença, como se fosse um personagem da história, é constante. Em outros textos de Veríssimo produzidos nos anos 30, além da doença associada à miséria e à injustiça social, é possível encontrar a defesa de algumas determinações do próprio Ministério da Educação e Saúde. Mesmo que não se possa dizer que os personagens falassem pelo autor e expusessem a sua opção política, é possível encontrar a referência direta a tais temas em entrevistas e nas memórias de Veríssimo.

Assim, foi essencial entender a importância de temas como injustiça social, identidade nacional, medicina e hereditariedade em sua produção literária nos anos 1930, década na qual um dos objetivos dos escritores foi “esquadrinhar palmo a palmo as misérias do país”, de acordo com Luís Bueno (2006, p. 77). A necessidade de incluir o outro nas narrativas, buscando dar conta da nacionalidade, levou à exploração de um corpo social entendido como doente, da mesma forma como fizeram os naturalistas do século XIX, e à tentativa de “fazer convergir na obra de arte intenção política e valorização do elemento popular” (BUENO, 2006, p. 256).

Tudo isso trouxe à pesquisa a necessidade de compreender o alcance do discurso do higienismo no Brasil na primeira década do século XX, com atenção às viagens empreendidas aos sertões brasileiros por epidemiologistas e médicos ligados ao Instituto Oswaldo Cruz, principalmente as grandes expedições chefiadas pelos médicos higienistas Belisário Penna e Carlos Chagas ao norte e ao nordeste do país, emblemáticas para a busca das raízes dos problemas nacionais – tema retomado e reelaborado durante os anos 30. Tencionando levar a cura e a erradicação de doenças juntamente com estradas, médicos e cientistas acreditavam poder chamar a atenção de autoridades e populações urbanas mais abastadas para o abandono em que se encontravam seus compatriotas dos sertões. Periódicos de toda a parte do país estamparam fotografias de localidades longínquas, com sua gente enfermiça, e textos de médicos, verdadeiras representações de uma possibilidade de integração nacional via medicina. Outro canal de divulgação dos temas acima citados, com enorme alcance popular, eram os almanaques distribuídos em farmácias.

Leitor assíduo de almanaques e periódicos em geral na década de 1910, o menino Erico Veríssimo estocava em sua imaginação as informações que dali retirava, de acordo com o que relatou em *Solo de Clarineta* (1974), seu livro de memórias. Além das leituras, também registrou as impressões de suas experiências na farmácia do pai, Sebastião Veríssimo, no centro de Cruz Alta, cidade gaúcha em que nasceu.

Busquei articular, então, as ideias higienistas do início do século XX, sua divulgação via almanaques de farmácia e periódicos e os livros que contavam com muitos leitores (entre os poucos do país) como os dos naturalistas e realistas do século XIX. Tudo isso associado ao contexto da Farmácia Brasileira, que ocupava o mesmo terreno da casa da família do autor gaúcho. Nas cidades de interior, as farmácias faziam as vezes de hospitais e consultórios médicos, por conta da carência dessas instalações e desses profissionais. Assim como os armazéns, também funcionavam como ponto de encontro. Os dois ambientes geralmente se misturam na narrativa de Verissimo:

E o cirurgião operava hérnias, extraía tumores, fazia ablações, laparotomias... e o odor das gostosas comidas da mulata Paula, nossa emérita cozinheira, evolvendo-se da cozinha – que ficava a uns vinte passos da sala de operações – muitas vezes misturava-e no ar com as emanções de éter, clorofórmio, formol e com o doce-enjoativo-pegajoso cheiro do pus que manchava dum amarelo de mostarda os algodões e as gases ensangüentadas do lixo operatório, que era atirado numa fossa funda da latrina, numa das extremidades do pátio pavimentado de tijolos, comum à farmácia e à residência. Um dia, um gaiato com um mórbido conceito de humor colocou na soleira da porta de nossa cozinha um rim humano, deformado por um tumor, que o Dr. Merlo acabara de extirpar do corpo de um paciente. “Sia” Paula botou a boca no mundo e, pelas dúvidas, insultou as mães de todos os suspeitos (VERISSIMO, 1974, p. 41).

A leitura de aventuras também influenciou profundamente Erico Verissimo, algo que se percebe na sua produção voltada às crianças, marcada pela aventura e pelas viagens. Ele sempre chamou a atenção para a necessidade do sonho e da imaginação na literatura infantil, mas é inegável o traço educativo que suas histórias apresentam. E na confluência da viagem e do aspecto educativo, encontra-se a ciência, aplicada visando o desenvolvimento social; ou a sua ausência, ilustrando desequilíbrios. Entre 1935 e 1936, Erico Verissimo publicou *A vida de Joana d’Arc*, *As aventuras do avião vermelho*, *Os três porquinhos pobres*, *Rosa Maria no Castelo Encantado* e *Meu ABC*. Em 1937, saiu *Aventuras de Tibicuera*, história de um índio imortal, que ainda criança deixou sua tribo e acompanhou toda a história do Brasil, avançando alguns anos no futuro (o livro termina em 1942). “Reagindo ao ufanismo da ditadura Vargas, faz sua versão paradidática da história brasileira” (IMS, 2007, p. 11). Com este livro, Verissimo foi um dos selecionados daquele ano pela Comissão Nacional de Literatura Infantil, criada pelo ministro Gustavo Capanema, da Educação e Saúde Pública, para estimular a produção literária de qualidade dirigida às crianças. Todos esses títulos infantis tiveram sucessivas reedições; a última delas ocorreu em 2005, quando do centenário do nascimento do autor. Há, porém, uma exceção: *Aventuras no mundo da higiene*, publicação

que se situa entre a literatura e a cartilha escolar. Sob os auspícios de Capanema, várias cartilhas com conselhos higiênicos e cívicos – muitas vezes, ambos – foram publicadas na década de 1930. A própria *Livraria do Globo*, da qual Verissimo era diretor, publicara, em 1937, a cartilha *A festa das letras*, da poetisa Cecília Meireles e do médico Josué de Castro; a publicação tratava da higiene e da alimentação. O médico e farmacêutico Renato Kehl, autor de *Lições de Eugenia*, também escreveu sua *Cartilha de higiene – Alfabeto da Saúde*, livro infantil ilustrado. Kehl, Cecília Meireles, Josué de Castro e Erico Verissimo produziram cartilhas com pontos em comum, mesmo que as concepções políticas e formas de pensar a sociedade dos autores fossem completamente diferentes, em alguns aspectos mesmo opostas. Escritores compartilhavam algumas ideias, o que não significa dizer que possuíam posturas ou opiniões políticas iguais. Autores, temas ou termos que foram posteriormente rotulados como conservadores ou mesmo autoritários devem ser entendidos em suas especificidades, assim como se deve levar em conta a existência de um repertório comum de ideias em cada contexto histórico.

A eugenia foi um destes temas, caro a Renato Kehl, a um expressivo grupo de médicos brasileiros e ao próprio Erico Verissimo. Sua exaltação, não apenas por médicos e cientistas, mas por intelectuais, como juristas, professores e literatos, foi resultante do processo de transformação intelectual e social do início do século XX, quando a vida humana passou a ser percebida como resultado de leis biológicas. A pesquisa eugenista interessava-se pelo indivíduo e suas disposições hereditárias, não pelas determinações raciais. O termo significa a *boa geração*, e suas bases teóricas foram sistematizadas por Francis Galton (1821-1911), naturalista, geógrafo e estatístico britânico. Seu livro *Hereditary genius* (1869) é considerado o texto fundador da eugenia. Nele, o autor tentou provar, por meio da genealogia e da estatística, que as chamadas aptidões eram hereditárias e não algo que pudesse ser aprendido. Galton propugnava que quanto mais a civilização deitava suas raízes, maior era a proteção aos “fracos e inadequados, restringindo com isto a capacidade de eliminação dos indivíduos inaptos pela seleção natural” (CASTANHEDA, 2003, p. 909). Em 1912, realizou-se o primeiro Congresso Eugênico, em Londres, sendo que o segundo teve lugar dez anos após, em Nova York. O I Congresso Brasileiro de Eugenia ocorreu em 1929, por ocasião do centenário da Academia Nacional de Medicina. O Brasil se fez representar no Congresso de 1932, também em Nova York, e nos Congressos Pan-Americanos de Havana e Buenos Aires, em 1934.

Muitos estudos acerca do movimento eugenista no Brasil já destacaram seus aspectos autoritários, elitistas e discriminatórios. A associação do movimento a políticas racistas, projetos de esterilização, identificação de “incapazes” e “tarados” foi quase sempre automática – embora houvesse o grupo dos que também acreditavam ser eugenistas por confiarem na otimização da herança genética através de ambientes favoráveis e da educação. Mas afirmações de alguns médicos eugenistas das primeiras décadas do século, que saltam aos olhos por conta de seus termos, muitas vezes são entendidas como se encerrassem todo o ideário médico do período, de forma homogênea.

Representações sobre uma população saudável e uma nação fortalecida foram amalgamadas e são associadas ao varguismo e ao discurso da eugenia, que garantiria brasileiros aptos ao trabalho, livres de doenças degenerativas e vícios. Em uma escala maior, a eugenia ficou para sempre associada à chamada “solução final”, levada a cabo pelo III Reich alemão – mesmo que a eugenia tenha sido um corpus de premissas da biologia surgido no final do século XIX, na Inglaterra; mesmo que o racismo fosse manifestação já incrustada em grande parte das sociedades ocidentais, como o antissemitismo e o segregacionismo; mesmo que as fronteiras teóricas da eugenia fossem difusas, móveis e extremamente abrangentes. O fato de determinado médico ou intelectual ter defendido ideais eugênicos é dificilmente apartado dessas imagens ou de uma atitude definida, no mínimo, como racista. Na organização da história da eugenia e nas representações que dela são criadas, alguns elementos são selecionados para reforçar o caráter autoritário e os discursos aterradores de seus propagadores. Não questiono o caráter criminoso da política eugênica nazista, por exemplo, mas acredito que outros elementos devam ser levados em conta no estudo das ideias eugênicas e das práticas feitas em seu nome; para que diferentes contextos e ações possam ser compreendidos por suas próprias características e não apenas por uma justaposição de termos. E foi justamente o texto literário de Verissimo que me levou a questionar essas amálgamas, que se transformam em pré-julgamentos, levando a entendimentos incompletos, inadequados e simplistas de determinados contextos, obras e seus autores.

Pois além de uma cartilha sobre higiene e do tema da doença, a hereditariedade e a necessidade de ações médicas preventivas percorrem todas as suas obras, principalmente das décadas de 1930 e 40, época em que projetos nacionais de modernização foram privilegiados. Certamente que já faziam parte da preocupação de intelectuais e políticos brasileiros desde o século anterior, mas ganharam fôlego com a chamada Revolução de 30. Alguns dos mais

importantes foram os relativos à saúde pública, entendida, juntamente com a educação, como elemento fundamental para a constituição da nação moderna: a população saudável foi idealizada como a que produziria as riquezas materiais e culturais necessárias para dar ao Brasil a condição de nação desenvolvida. Para curar doenças e sanear ambientes, era necessário conhecer o país, descobrir e integrar suas populações e regiões remotas, definindo os sentidos da nacionalidade: que país se busca? O que há de genuíno a representá-lo? Assim como artistas buscaram entender a essência brasileira, primitiva, para além das grandes cidades, cientistas buscaram a gênese das enfermidades nacionais; em sentido inverso, buscaram levar aos sertões o produto de suas pesquisas – vacinas, remédios, procedimentos higiênicos e clínicos. Outros brasileiros ganharam rostos quando passaram a povoar relatos médicos, de folcloristas, jornalistas, fotógrafos e literatos. O país apresentava características desconhecidas por muitos até então: as cidades desconheciam os sertões, não havia integração nacional, cada região era um mundo sustentando por tradições e mesmo leis próprias. As mudanças políticas de 1930 representavam uma esperança para que esse quadro nacional se modificasse. É necessário atentar para o fato de que diferentes objetivos, concepções políticas e filosóficas conviveram nesta busca; é preciso não perder de vista que o engajamento pela mesma causa apresentou diferentes motivos e caminhos. Por exemplo, o fato de artistas terem trabalhado como funcionários públicos durante o governo de Getúlio Vargas – como Carlos Drummond de Andrade ou Graciliano Ramos – não os pode filiar, automaticamente ao autoritarismo do Estado Novo.

Verissimo foi premiado pelo Ministério da Educação, ao mesmo tempo em que era convocado pelo departamento de censura de Vargas. Ambiguidades e contradições de um período político que, como qualquer outro, exige uma leitura atenta para que não se aplinem os conflitos, os debates, as diferenças. A participação em determinadas instâncias não é o mesmo que a adesão a um projeto. As narrativas mais conhecidas e lidas de Verissimo nos anos 30, como *Olhai os lírios do campo* (1936) trazem personagens que são abnegados médicos, de cujas bocas sai a constante defesa do exame pré-nupcial obrigatório ou a apologia da presença de médicos no governo – pontos caros também a médicos e intelectuais defensores de um Estado forte. Se parte-se do princípio que os projetos eugenistas no Brasil conduziram a apenas um entendimento possível, qual seja, o que comportaria ideias racistas e a certeza de que a ação médica à força era necessária, a análise de tudo o que se produziu sobre o tema torna-se reducionista.

No Brasil, projetos ditos eugenistas foram muito mais divulgados do que efetivamente implantados. Para se ter uma ideia, o termo eugenia era amplamente utilizado como sinônimo de medicina, de saúde e mesmo de limpeza (STEPAN, 2005), em jornais, discursos políticos, publicidade e literatura. Da mesma forma, a utilização de termos como *raça*, *tara* ou *herança genética* não cadastra necessariamente um autor numa corrente de pensamento racista, mas revela o repertório semântico de determinado contexto, cujos significados não coincidem com os da atualidade. É preciso “traduzi-los”, levando em conta seus sentidos em diferentes épocas, para que evitem anacronismos e conclusões redutoras.

Entende-se, assim, que a eugenia e suas proposições nunca apresentaram uma abordagem unitária e bem definida. Além de concepções que partiam em várias direções, cada uma delas apresentava bifurcações, que, por sua vez, foram entendidas de formas bastante peculiares. No I Congresso Brasileiro de Eugenia, por exemplo, seu presidente foi um médico antropólogo, Roquette-Pinto. Além de se opor a teorias racistas, não acreditava que práticas eugenistas radicais dariam conta dos problemas brasileiros que, segundo ele, eram uma questão de higiene e não de raça. Era porta-voz de uma concepção de saúde pública que visava educar antes de tudo. Mas os adeptos dessa interpretação também se denominavam eugenistas – por isso, são muitas vezes associados aos adeptos das teorias racistas da eugenia radical, que propõem esterilizações, por exemplo.

Nesse sentido, é possível compreender a preocupação educativa de Verissimo e a defesa do cuidado com a hereditariedade presente em seus livros. Utilizou-se de imagens da medicina e das ideias que alimentavam o debate médico e científico do período para estruturar uma nova narrativa, lançando mão não apenas de termos, mas inserindo muitas dessas imagens para dar forma a suas histórias. A hereditariedade é um dos seus temas recorrentes, amalgamado ao tema da história e representado pelas sagas familiares e suas relações com a política em diferentes contextos.

Com forte influência naturalista, as histórias se desenvolvem de acordo com a compreensão do meio social como um grande organismo vivo, no qual seriam necessárias intervenções para que doenças não se expandissem e para que os aspectos sãos se fortalecessem e prevalecessem. São muitos os doentes, moribundos e cadáveres como personagens das ficções de Verissimo, com um detalhamento preciso; a mesma coisa ocorre na caracterização das pessoas saudáveis. Os cenários decadentes denotam a insalubridade pela

descrição de odor, consistência, aparência, presença de ratos e insetos, por exemplo; em contrapartida, há os ambientes “frescos e iluminados”, “varridos pelo sol”.

Como acontecia nas obras de outros autores seus contemporâneos, Verissimo também desejou retratar o Brasil por meio da incorporação de temas, situações e tipos comuns do cotidiano urbano, do interior, cosmopolita ou regional. Assim, trabalhadores, pobres, mulheres, profissionais liberais, escritores, doentes, retirantes, capitalistas, infratores, prisioneiros e crianças passaram a povoar histórias com a importância de protagonistas – vários deles na mesma história. Cenários prosaicos figuraram como meio privilegiado para o desenvolvimento das histórias, apresentando também o que poderia haver de miserável, sujo, repugnante até. Elementos como doença, sensações e deformações físicas, sangue, pruridos em geral e corpos mutilados participaram da caracterização do meio e dos personagens não apenas como dados de uma descrição, mas também como metáforas para o que de pior havia no país.

Como em toda representação, há a idealização do que é descrito, salvo que nesta idealização, foi utilizado o mesmo vocabulário dos médicos, o que concorria para deixá-la mais verossímil aos olhos de quem lia (e lê). Desde os naturalistas, este recurso narrativo sofreu várias transformações e apropriações, e o fato de continuar sendo reavivado demonstra certa vontade de revelar determinadas realidades, assim como provocar reações. A medicina, assim como a doença, foi transformada em personagem: para Erico Verissimo, representa a portadora da justiça social, que poderia intervir nas cenas que parecem ficar sem solução concreta, que aparecem apontar um amanhã funesto. Se em mãos erradas, é uma atividade que não faz menor diferença no mundo, conseqüentemente, é injusta, não cumpre o seu verdadeiro papel. Se tiver um estatuto justo, bem definido, quase não haveria como um médico fazer mau uso dela. A doença faz com que se perca a dignidade; e a medicina, não a saúde, aparece como seu contraponto.

Em *Olhai os lírios do campo* (1936), aborto, exame pré-nupcial e família surgem não como elementos de fábulas moralistas, mas por servirem de acesso a temas como ignorância, sordidez, desumanização, doença, arbitrariedade, hipocrisia. Foram assuntos caros a autores dos anos 1930, em cujos livros os problemas do país circunscrevem o campo de ação dos personagens, mas também servem para enunciar soluções. De acordo com Luís Bueno, aponta-se “do campo literário para o campo político” (2006, p. 186). Assim, os personagens Eugênio (o nome certamente não é coincidência) e Dr. Seixas são partidários da medicina

social, que se baseia na prevenção, no entendimento do indivíduo em relação com o seu meio e com os outros indivíduos. Nas primeiras décadas do século 20, em nome desta prevenção e de uma intervenção científica sobre as doenças, as políticas de saúde pública no Brasil tiveram caráter intervencionista, sustentadas até pelo aparato policial. Ao contrário, os personagens de Verissimo – da década de 1930 – entendem-na como um fator de libertação (da doença, da falta de informação); a medicina não é a solução para todos os problemas, mas é capaz de levar dignidade às pessoas, elevá-las a um nível de consciência que não possuem.

Nos anos 30, a euforia científica das décadas anteriores não se manifestava da mesma forma. A ciência já dera provas de não ser garantia de um futuro radioso, ao contrário; a geopolítica delineava um panorama preocupante, com radicalismos elevados ao topo. Para os intelectuais, não havia espaço para o otimismo gratuito, mas para o engajamento pela mudança do que ocorria sob os narizes. Para Verissimo, a ciência não representava a panaceia pura e simplesmente; antes, deveriam estar os projetos e as escolhas políticas comprometidas com o humanismo e a justiça social a guiarem a aplicação dos princípios científicos. Há em *Olhai...* uma sugestão de que o que houvesse de pior na sociedade, resultado de um meio precário e injusto, pudesse se propagar hereditariamente e transformar-se num instrumento de controle, pois uma população ignorante e doente desumaniza-se e aceita de bom grado a caridade como solução, reforçando laços de dependência e dominação. A medicina continua aparecendo como resposta a isso, pois ela forçaria à reflexão e poderia ser um instrumento de mudança.

A busca pelo aspecto científico não pode ser entendida apenas como um gesto reducionista de intelectuais, naturalistas ou médicos. Diferentes noções conviviam, eram combinadas, suas premissas reelaboradas, dando origem a novos e diversos registros. A aspiração a um estatuto científico deve também ser entendida como uma forma de se conceber o mundo e a ação sobre este. Engendrou teorias que visavam a transformação e não a conformação do mundo, assim como também possibilitou processos criativos, um diálogo com a produção artística e mesmo a redefinição do papel do artista no mundo.

Orientei minhas pesquisas para tais questões, pois o texto de Verissimo as apontou. A literatura como fonte carrega com frequência conflitos e temas que, muitas vezes, são vistos como adesões conscientes de seus autores, como apologia a determinadas ideias ou são simplesmente ignorados, por conta do lugar que determinados autores possuem na literatura nacional. Entender as várias camadas de um texto literário, sua forma como portadora de

historicidade, além de escolhas de temas, ajuda a uma compreensão mais coerente e profunda de determinadas realidades, que sempre apresentarão conflitos, ambiguidades, diferentes significados. Compreender isso evita que se aplainem dinâmicas sociais em explicações redutoras, evita as adesões *a priori* que só fazem empobrecer a pesquisa histórica.

## REFERÊNCIAS

BONEMY, Helena (org.). *Constelação Capanema: intelectuais e políticas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

BORDINI, Maria da Glória. *Liberdade de escrever; entrevistas sobre literatura e política*. Coleção Engenho e Arte, 4. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Edipucrs/Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1997.

BRESCIANI, Maria Stella M. O charme da ciência e a sedução da objetividade; Oliveira Vianna entre intérpretes do Brasil. 2 ed. revista. São Paulo: Editora da UNESP, 2007.

BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: EDUSP; Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

INSTITUTO MOREIRA SALLES. *Cadernos de literatura brasileira*. n. 16. Erico Verissimo. São Paulo: IMS, 2003.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 9 ed. rev. autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CASTAÑEDA, L. A. Eugenia e casamento. *História, Ciências e Saúde – Manguinhos*. vol. 10(3):901-30, set.-dez. 2003.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

HOCHMAN, Gilberto. *A era do saneamento*. São Paulo: Editora Hucitec / ANPOCS, 1998.

LORENZO, Helena Carvalho e COSTA, Wilma Peres. *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

PARK, Margareth Brandini. *Histórias e leituras de almanaques no Brasil*. Campinas: Mercado de Letras Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: FAPESP, 1999.  
RÓNAI, Paulo. *A tradução vivida*. 4 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

SÁ, Dominichi M. *A ciência como profissão; médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)*. Coleção História e Saúde. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

STEPAN, Nancy. *A hora da eugenia; raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e sociedade*. São Paulo, Cia Editora Nacional, 1969.

## FONTES

VERISSIMO, Erico. *As aventuras de Tibicuera*. 32 ed. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. *Aventuras no mundo da higiene*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1939.

\_\_\_\_\_. *Caminhos cruzados*. São Paulo: Círculo do Livro, 1978. p. 12.

\_\_\_\_\_. *Fantoches*. Ed. fac-similada comemorativa aos quarenta anos de atividades literárias do autor. Porto Alegre: Editora Globo, 1972.

\_\_\_\_\_. *Olhai os lírios do campo*. São Paulo: Círculo do Livro, 1978.

\_\_\_\_\_. *O resto é silêncio*. Porto Alegre: Editora Globo, 1953.

\_\_\_\_\_. *Solo de clarineta*. Memórias. v. 1. Porto Alegre: Globo, 1974.

\_\_\_\_\_. *Solo de clarineta*. Memórias. v. 2. Segunda parte póstuma, organizada por Flávio Loureiro Chaves. Porto Alegre: Editora Globo, 1976.